

O ACOLHIMENTO DE UMA CRIANÇA COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDO DE CASO A PARTIR DA PERSPECTIVA DOCENTE

Data de submissão: 04/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Tatiane de Fátima Kovalski Martins

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Denaira Borba Rodrigues

Pós-Graduada em Supervisão e Orientação Educacional pela Universidade Paulista – UNIP

Bárbara Brito Sponga

Graduanda em Licenciatura em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS Campus Feliz

ações e estratégias são indispensáveis na sala de aula inclusiva. No mesmo sentido, a professora do atendimento educacional especializado precisa desenvolver atividades com a criança, sempre alinhando as ações com a professora na sala de aula. No estudo realizado, compreendemos que para João as atividades que priorizam e envolvem o desenvolvimento de suas habilidades são fundamentais, visto que se trata de uma criança em fase de aquisição de conhecimentos e precisa receber estímulos para compreender as suas características específicas e assim enriquecer sua aprendizagem, bem como os conhecimentos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Altas Habilidades/Superdotação, Educação Infantil, Inclusão Escolar, Atendimento Educacional Especializado.

RESUMO: O presente artigo versa sobre a atuação dos professores do Atendimento Educacional Especializado. O objetivo geral foi refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula inclusiva junto a uma criança com indicativos de altas habilidades/superdotação. Para isso, realizamos um estudo de caso com uma criança que nomeamos como João. A partir das análises do caso, foi constatado que a professora do atendimento educacional especializado tem um papel fundamental na orientação as professoras da sala de aula inclusiva, que deverá elaborar o Plano Educacional Individualizado, ao indicar quais

ABSTRACT: This article is about the performance of Specialized Educational Service teachers. The general objective was to reflect on the pedagogical practices developed in the inclusive classroom with a child with indications of high abilities/giftedness. To this end, we carried out a case study with a child we named as João. From the case analysis, it was found that the

specialized educational service teacher has a fundamental role in guiding the teachers in the inclusive classroom, who must prepare the Individualized Educational Plan, indicating which actions and strategies are essential in the inclusive classroom. In the same sense, the specialized educational service teacher needs to develop activities with the child, always aligning actions with the teacher in the classroom. In the study carried out, we understand that for João, activities that prioritize and involve the development of his skills are fundamental, since he is a child in the process of acquiring knowledge and needs to receive stimuli to understand his specific characteristics and enrich his learning, as well such as school knowledge.

KEYWORDS: High Abilities/Giftedness, Early Childhood Education, School Inclusion, Specialized Educational Service.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge a partir das indagações em nossa trajetória profissional, na qual compartilhamos o mesmo espaço educacional, como professoras na educação infantil, e como colegas, vivenciando a formação na Pós-Graduação em Atendimento Educacional Especializado - AEE. Trazemos uma escrita iniciada a partir da vivência inclusiva, numa escola de educação infantil – modalidade creche, com uma criança com indicativos de altas habilidades/superdotação e nossas percepções reflexivas, como alunas da especialização em AEE.

Temos a compreensão que na contemporaneidade, as Políticas de Educação Especial brasileiras buscam garantir o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação na escola regular (Brasil, 1996, 2008, 2015).

Nessa perspectiva, de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), as crianças¹ com altas habilidades/superdotação (AH/SD) fazem parte do público-alvo da Educação Especial. Essas crianças, se caracterizam por apresentarem

Potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (Brasil, 2008, p.15)

Colaborando nessa compreensão as Diretrizes Curriculares para a Educação Especial (Brasil, 2001, p.39), evidenciam

altas habilidades/superdotação – grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos devem receber desafios suplementares em classe comum, em sala de

¹ Como nossa pesquisa envolve o processo inclusivo de um menino de 3 anos, nesse texto faremos sempre a referência ele como criança, evitando os termos estudante e aluno, conforme indicam as pesquisas realizadas por Barbosa (2006), Barbosa e Horn (2008), e Souza, Coutinho e Moro (2015).

recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para concluir, em menor tempo, a série ou etapa escolar.

A importância destes documentos, são que eles referem e introduzem de modo singular a Necessidade Educacional Específica a qual abordaremos em nossa escrita: altas habilidades/superdotação – AH/SD. Esse adentro é importante pois evidencia que as crianças com AH/SD são parte da Educação Especial e tem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) entre outras políticas inclusivas.

Evidenciamos que, a Educação Básica é formada por três níveis de ensino elementares a formação, que se dividem em: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (Brasil, 1996) e nossa pesquisa abordará a educação especial na educação infantil. Essa escolha apresenta a importância de dialogarmos sobre as questões peculiares que ocorrem nessa primeira fase de escolarização e que acompanham a criança ao longo dos anos escolares.

Situado campo de estudo as AH/SD, e o campo de pesquisa a educação infantil, apresentamos nosso objetivo geral que é refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula junto a uma criança com indicativos de altas habilidades/superdotação.

Para alcance desse objetivo, temos os seguintes objetivos específicos: a) conhecer o histórico familiar e escolar da criança, bem como suas habilidades e preferências; b) identificar as atividades já desenvolvidas pelas professoras da sala de aula inclusiva; c) enumerar as orientações necessárias para que as professoras da sala de aula inclusiva, possam elaborar o plano de ensino individualizado a criança; d) elaborar estratégias que possam ser utilizadas com a criança nos atendimentos de AEE.

Partimos da hipótese de que o processo de acolhimento e inclusão de uma criança com altas habilidades/superdotação em uma escola municipal de educação infantil será eficaz se houver um trabalho colaborativo entre professoras, família e profissionais especializadas, que reconheçam e valorizem as potencialidades da criança, promovendo um ambiente educacional inclusivo e enriquecedor para o desenvolvimento de suas habilidades.

Para atendermos aos objetivos propostos, bem como confirmarmos ou não nossa hipótese, nessa investigação optamos por uma construção metodológica através de estudo de caso qualitativo que envolveu entrevistas semiestruturadas com a equipe de profissionais responsáveis² pela criança e pesquisa bibliográfica sobre a temática.

2 A equipe de profissionais que trabalha diretamente com o João, na sala de aula inclusiva, nesta escola de educação infantil é composta por pedagogas, entretanto a nível de concurso, seus cargos e funções são subdivididos da seguinte forma: três professoras (duas regentes e uma de hora planejamento) e três monitoras de educação básica. Pensando na formação a nível de graduação e ensino médio, compreendemos que todas têm a mesma representatividade quanto a aprendizagem e desenvolvimento da criança e desta forma trataremos como as professoras do João a equipe de profissionais que o acompanha no dia a dia da escola.

DESCRÍÇÃO DO ESTUDANTE

O caso que trazemos para estudo, refere-se a um menino de três anos de idade, o qual usaremos o nome fictício de João. João é filho único, mora com os pais e pelo que se observa, possui uma situação financeira estável em família. João, iniciou na escola municipal de educação infantil em meados do mês de abril, vindo de uma escola particular da cidade, através de transferência, de acordo com a família, ele estudava na escola desde o berçário, sendo que a intenção familiar era a sua permanência nessa escola até o ensino médio, porém por questões não informadas, a família optou em retirá-lo desta escola e realizar sua matrícula na escola municipal.

Logo após a matrícula, como procedimento padrão da escola foi realizada a entrevista com a família a fim de se conhecer sobre a história da criança e um pouco de seu contexto familiar. Na entrevista com a família do João, a mãe esteve presente e relatou que ele era um menino muito inteligente, que sabia ler, escrever, realizar cálculos matemáticos, bem como ler e conversar em inglês. Sabia cores, formas, assuntos variados que lhe despertassem o interesse e tinha uma excelente argumentação verbal, com argumentos e exemplos práticos que se sobressaiam frente a outras crianças de sua idade. As informações trazidas pela mãe do João, oferecem importantes subsídios para o processo de acolhimento desta criança e elementos que alertam para o que Mosqueira, Stobäus e Freitas (2014), trazem sobre a distinção entre precocidade intelectual e superdotação

A precocidade intelectual é parte do fenômeno evolutivo, um desenvolvimento intelectual maior em comparação com outras pessoas da mesma idade cronológica. Já pessoas com AH/SD têm grande capacidade em relação a um ou mais aspectos da inteligência ou, ainda, uma grande destreza para uma habilidade ou comportamento específico. (MOSQUEIRA, STOBÄUS e FREITAS, 2014, p.265)

Passados os primeiros dias de João na escola, todas as questões trazidas pela mãe realmente se confirmaram e outras mais apareceram como: João tinha interesse por pinturas, artefatos artísticos e momentos de produção estética. O que instigou uma atenção especial da equipe de professoras que estava em contato com o João. De acordo com Chagas-Ferreira

De certa maneira o talento é reconhecido precocemente, via de regra na família, e “chancelado” pela escola. Esta, por meio de seus atores, é a maior responsável pela identificação do talento, é coparticipante, juntamente com a família, dos desdobramentos desse processo. A maior parte do atendimento especializado exigido por essa população vai ocorrer nesse contexto ou em função dele. (CHARGAS-FERREIRA, 2014, p.291)

Além destas questões de aprendizagem acima da média, as professoras conheceram outra versão do João até então desconhecida através do relato de sua família: João é um menino que demonstra muito nervosismo, tem dificuldade em estabelecer vínculos com os colegas e professoras, tendo escolhido uma professora como sua referência e com ela

estabeleceu seu vínculo afetivo, sendo resistente ao convívio com as demais profissionais. João tem dificuldade em seguir combinados, é seletivo quanto a atividade que se propõe a realizar, da mesma forma com os alimentos como se as situações fossem interligadas.

De acordo com estudos realizados por Winner (1997) e Chagas-Ferreira (2014), é importante termos o conhecimento de três características atípicas de crianças talentosas: a precocidade, a insistência em fazer as coisas do seu jeito e a fúria por dominar. Chagas-Ferreira nos chama a atenção para a compreensão com a seguinte análise

A precocidade é vinculada ao funcionamento biológico e à aprendizagem. A insistência em fazer as coisas do seu modo envolve a rapidez para aprender, a independência de pensamento, o não conformismo e a criatividade. A fúria por dominar diz respeito ao interesse para aprender e manter um alto padrão de desempenho em sua área de conhecimento. (CHAGAS-FERREIRA, 2014 p.286)

É essencial adquirirmos esse conhecimento para desmistificar o mito que envolve o desajustamento emocional de pessoas com indicativos de altas habilidades/superdotação, evidenciando o despreparo de muitos destas pessoas (aqui no nosso caso, uma criança com pouca idade) para lidar com as críticas, frustrações, regras e fracassos, como nos aponta também o estudo apresentado por Sabatella (2008).

Em uma nova conversa com a família, a mãe trouxe a informação sobre a tentativa de encaminhamento realizado pela escola anterior, para investigação com uma especialista sobre questões nas quais João se sobressaia perante os demais colegas e, a sugestão de acompanhamento com uma psicopedagoga, entretanto a família não concordou com a sugestão e não houve continuidade no encaminhamento.

Passados alguns meses, percebeu-se que o processo de acolhimento do João na escola, havia ocorrido conforme o planejado. Deste modo, suas questões de interação social e a dificuldade em acompanhar a rotina com a turma fizeram com que se realizasse uma nova conversa com a família.

Nesse momento, a partir da percepção de que as mesmas questões se repetiam com o João, a família aceitou em buscar orientação de profissionais externos a escola. E, obteve-se em meados de novembro, o parecer de uma psicóloga, de altas habilidades/superdotação e indicação de avaliação com neuropediatria, em virtude de traços que sugeriam a possibilidade de Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade - TDAH.

De acordo com Ourofino (2007,p. 60) “*A possibilidade da existência de dupla excepcionalidade SD/TDAH deve ser considerada pelos profissionais que realizam avaliação psicológica de alunos encaminhados com características de superdotação ou de TDAH*”, assim, compreendemos a importância de que o processo de identificação seja realizado numa perspectiva interdisciplinar, na qual profissionais da área médica podem solicitar avaliação psicológica quando houver suspeita de dupla excepcionalidade e da mesma forma, psicólogos e psicopedagogos devem requerer avaliação clínica quando

suspeitarem da possibilidade de TDAH.

Mesmo conhecendo a possível dupla excepcionalidade do João, nessa pesquisa focaremos nas altas habilidades/superdotação. Essa escolha investigativa, baseia-se na identificação realizadas pelas professoras que acompanhavam o João em seu dia na escola e no parecer emitido pela psicóloga que indicava que João é uma criança com altas habilidade/superdotado. Corroborando a isso, nas entrevistas realizadas, todas as professoras foram unanimes em reconhecer que o João era uma criança atípica na escola e que sua inteligência e facilidade em aprender, eram para elas algo intenso e vivido no dia a dia escolar.

ORIENTAÇÕES PARA A PROFESSORA DA SALA DE AULA INCLUSIVA

Encontrar com uma criança que tem um elevado padrão de aprendizagem, logo na primeira infância, de forma geral tende a desacomodar e inquietar as professoras que lhe encontram nos primeiros anos escolares. Com o João não foi diferente e pode-se perceber através das entrevistas realizadas que os questionamentos e as dúvidas por vezes eram mais intensos que a poucas certezas que tinham em relação ao João, apesar dos anos de experiência na docência.

Pensar ações, orientações para essas professoras que trabalham na sala de aula inclusiva com o João, requer sensibilidade, acolhimento e estudos contínuos sobre a temática das altas/habilidades/superdotação, nessa perspectiva Mezzomo (2011) evidenciam que

O professor, ou profissional especializado terá a incumbência de dar o aporte teórico e específico sobre as Altas Habilidades/Superdotação ao professor do ensino regular, promovendo uma reflexão diante da visão errônea e mistificada que se tem a respeito destes alunos. (MEZZOMO, 2011, p.179)

Assim, acredita-se ser importante, inicialmente a sensibilização das professoras, sobre a temática das altas habilidades/superdotação, com o intuito de contribuir para a compreensão desta necessidade educacional especial, e assim criar subsídios para o estabelecimento do vínculo colaborativo entre professoras da sala de aula inclusiva e professora do AEE para o desenvolvimento das habilidades e talentos do João. É importante que seja pensado no viés colaborativo entre professora de sala de aula inclusiva e professora do AEE, pois de acordo com a Resolução Nº4. de 02 de outubro de 2009

Art. 13 São atribuições do professor de Atendimento Educacional Especializado:

I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;

II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e

de acessibilidade;

III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais; IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;

V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;

VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;

VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;

VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares. (BRASIL, 2009)

Compreende-se que, faz parte das atribuições da professora do AEE, a articulação e colaboratividade com a professora da sala de aula inclusiva, para que dessa forma seja possível o diálogo sobre o desenvolvimento da criança em sua totalidade. Além disso, Mezzomo (2011) nos aponta que

“É também de responsabilidade do professor, ou do profissional especializado, fazer o intercâmbio entre o ensino regular e o especializado, trabalhar na especificidade de seu aluno [...], assim como auxiliar na opção metodológica a ser adotada pelo professor do ensino regular visando o desenvolvimento das habilidades do aluno e respeitando suas especificidades”. (MEZZOMO, 2011, p.179)

Conhecendo as atribuições da professora do atendimento educacional especializado e compreendendo a importância de sua presença ativa e participativa no contexto escolar do João, acreditamos que, algumas orientações podem ser encaminhadas a professora da sala de aula inclusiva do João, entre as quais destacamos que sejam planejadas atividades diferenciadas que promovem o aprofundamento das interações de aprendizagens³, ao invés de aumentar a quantidade de tarefas, o que pode incluir projetos de investigação, resolução de problemas a partir do cotidiano da criança e estudo de caso que possibilitem com que o João possa explorar temas em profundidade, estimulando a criatividade e o pensamento crítico, para isso a professora pode utilizar materiais complementares, como livros, vídeos e recursos digitais, para ampliar o conhecimento do cotidiano. Essas propostas seriam o que pesquisadores como Rech, Negrini e Santos (2023) e Braz e Rangni (2021) denominam como enriquecimento curricular.

No que se refere ao incentivo dos princípios de autonomia do João, visando futuramente uma aprendizagem autodirigida, sugere-se que as professoras da sala de aula

³ Interações de aprendizagens correspondem aos conteúdos trabalhados pelas professoras de acordo com a Base Nacional Comum Curricular.

incentivem o João a estabelecer metas de aprendizagem e o auxilie para que aprenda de forma lúdica e prazerosa a traçar planos que o ajudem a atingir essas metas.

Outra possibilidade que trazemos refere-se ao uso de utilização de tecnologias educativas e ferramentas de pesquisa para que ele possa explorar temas de seu interesse e aprender de forma autônoma.

As professoras, também podem incluir na rotina semana, momentos em que o João possa compartilhar com a turma ou em pequenos grupos o que aprendeu ou como aprendeu, fortalecendo sua habilidade de comunicação e estabelecendo vínculos afetivos com seus colegas.

Importante lembrar também que, ao promover atividades em grupo, se está o desafiando a trabalhar em equipe, e nesses momentos, ele pode também desenvolver habilidades de liderança e colaboração, que são importantes ao seu amadurecimento.

A inclusão destes momentos na rotina da turma do João, corroboram para o desenvolvimento socioemocional, não apenas do João, mas de todas as crianças da turma. Para que essas sugestões, sejam possíveis e viáveis de realização, reforçamos a necessidade de se proporcionar um ambiente acolhedor onde as crianças possam expressar seus interesses e preocupações, ajudando-as a lidar com a ansiedade ou o perfeccionismo, comum a todas as crianças em desenvolvimento e em especial, de forma mais acentuada em crianças com altas habilidades/superdotação.

Destacamos a importância de que a professora da sala de aula inclusiva, mantenha um acompanhamento contínuo do João, identificando assim, áreas nas quais ele possa necessitar de um apoio maior, como na organização, concentração ou mesmo suporte emocional, conhecendo a história dele.

É importante lembrar que cada criança com altas habilidades/superdotação é única e suas necessidades e interesses individuais podem variar. Portanto, o acompanhamento individual e personalizado é fundamental para o fornecimento de educação especial e inclusiva. Para que essa prática seja possível, é importante que a professora da sala de aula inclusiva elabore o Plano de Atendimento Individualizado – PEI do João.

O PEI é um importante documento que organiza e orienta o processo de aprendizagem das crianças com necessidades educacionais especiais, que são público alvo da educação especial, é uma proposta de organização curricular que visa desenvolver as potencialidades da criança e nortear as ações pedagógicas da professora (Tannús-Valadão, Mendes, 2018). O PEI é construído pela professora da sala de aula, com auxílio da professora de atendimento educacional especializado e a colaboração da família da criança, que faz parte do processo de inclusão e aprendizagem de forma significativa e fundamental. Sobre o PEI, podemos acrescentar ainda que a visão de Lustosa, Dias e Lima (2022) que nos diz que

O PEI [...], é uma ferramenta de trabalho que auxilia o professor, facilitando o processo de inclusão e a vida do aluno com deficiência possibilitando que

o acesso ao currículo seja organizado da melhor forma possível. É, portanto, uma organização, manifestação e a construção pedagógica de um sistema educacional inclusivo por esse motivo ele é tão importante. (2022, p.05)

Assim, compreendemos como fundamental a elaboração do PEI para o João, uma vez que sendo uma criança com indicativos de altas habilidades/superdotação, necessita deste olhar diferenciado para sua aprendizagem.

Todas essas orientações, aqui descritas, visam proporcionar uma educação inclusiva que valoriza e estimula o potencial do João, uma criança com altas habilidades/superdotação, promovendo seu desenvolvimento integral e seu bem-estar na sala de aula inclusiva.

ESTRATÉGIAS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

O Atendimento Educacional Especializado - AEE, conforme o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Especial, consiste em um serviço da Educação Especial que visa identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, com o objetivo de eliminar barreiras e promover a plena participação da criança, considerando suas necessidades educacionais especiais – NEE.

As Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado, foram instituídas pelo Decreto Legislativo nº 186, de julho de 2008, e regulamentadas pelo Decreto nº 7611, de 11 de novembro de 2011. No processo de constituição dos sistemas de ensino inclusivos, surgiram diversos dispositivos legais com fundamentos político-filosóficos baseados em leis, decretos e princípios que garantem e protegem os direitos do público-alvo nesse contexto educacional.

A legislação brasileira, estabelece que o Atendimento Educacional Especializado, deve ser oferecido preferencialmente na rede regular de ensino, podendo, no entanto, ser realizado fora dele, uma vez que se trata de um complemento, e não de uma substituição ao ensino comum. O AEE deve ocorrer em horários distintos das aulas regulares, com objetivos, metas e métodos educacionais próprios, definidos de acordo com as necessidades específicas de cada tipo de deficiência, transtornos do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação.

Após esse breve relato sobre o Atendimento Educacional Especializado, gostaríamos de relembrar o nosso campo de investigação: a educação infantil (0 a 3 anos). Como pode-se observar, a legislação brasileira, atende especificamente o ensino obrigatório, de 04 a 17 anos, ficando subentendido o atendimento na educação infantil, e o que é inexplícito não é obrigatório. Embora essa etapa da educação seja citada em leis, documentos e normativas, ela ainda não tem visibilidade e efetividade no que corresponde ao Atendimento Educacional Especializado e sua oferta obrigatória nas creches (que atende a faixa etária de 0 a 3 anos). Deste modo, ainda temos poucas pesquisas e estudos sobre o Atendimento Educacional Especializado realizado em creches, embora se tenha o conhecimento de sua efetivação em diversos sistemas de ensino, devido a importância do atendimento as

crianças público-alvo da educação especial.

Assim, feita a contextualização sobre o Atendimento Educacional Especializado, retomamos o caso do João, que sendo uma criança com altas habilidades/superdotação, tem o direito a ter suas necessidades educacionais especiais atendidas.

Para o atendimento do João, pensamos em algumas atividades e estratégias que poderiam ser desenvolvidas a partir de suas características e habilidades. Todas as propostas são baseadas na ludicidade, pois compreendemos que, embora o João tenha habilidades muito acima da média, ele é uma criança de 03 anos que precisa ser estimulada de maneira adequada ao seu desenvolvimento. Através do brincar, buscamos promover a aprendizagem, respeitando seu ritmo e seus interesses.

Os jogos desempenham um papel fundamental nesse processo, pois, além de estimular a criatividade e a interação social, permitem que a criança explore o mundo de forma prazerosa e significativa. Ao envolver-se em atividades lúdicas, João pode desenvolver habilidades cognitivas, motoras e emocionais de forma natural e gradualmente, o que contribui para seu desenvolvimento. Os jogos também ajudam a criar um ambiente de segurança e confiança, no qual ele pode experimentar, errar e aprender sem pressão. Desta forma, descrevemos a seguir alguns jogos que utilizaremos no atendimento educacional especializado de João, pensando em promover tanto o desenvolvimento de suas habilidades específicas quanto ao prazer pelo aprendizado. Optamos em realizar essa descrição através de um quadro (quadro 1), com o intuito de facilitar a compreensão entre o jogo, como ele ocorre e os objetivos que temos ao utilizado. Observe o quadro abaixo:

Nome do Jogo	Descrição do Jogo	Objetivos Educacionais para utilizá-lo no AEE
Jogo: Hora do Rush	<p>O jogo <i>Hora do Rush</i> é um quebra-cabeça que desafia os jogadores a resolver problemas de trânsito, simulando uma situação em que é necessário liberar um carro (o carro vermelho) bloqueado entre outros veículos. O objetivo principal é movimentar estratégicamente os outros carros para abrir caminho e permitir que o carro vermelho chegue à saída. O jogo funciona com diferentes níveis de dificuldade, exigindo atenção e planejamento para resolver cada desafio.</p>	<p>Desenvolver o Raciocínio Lógico e a Capacidade de Resolução de Problemas: Ao movimentar os veículos de maneira estratégica para liberar o caminho do carro vermelho, se exercita o cálculo lógico e a resolução de problemas, habilidades importantes para a matemática e a tomada de decisões.</p> <p>Estimular a Perseverança e o Pensamento Crítico: Como o jogo pode ser difícil e requer esforço e erro, a criança aprende a perseverar diante das dificuldades, ajustando suas estratégias e melhorando seu pensamento crítico ao buscar soluções alternativas.</p>
Jogo: Cilada	<p>O jogo <i>Cilada</i> é um jogo de tabuleiro no qual os jogadores têm como objetivo posicionar peças em uma forma de dificultar os movimentos do adversário, “prendendo-o” para que ele não consiga realizar mais jogadas. Cada movimento requer observação cuidadosa do tabuleiro, planejamento e antecipação das jogadas do oponente, uma vez que o objetivo é bloquear seus movimentos e evitar ser bloqueado.</p>	<p>Desenvolver Estratégia e Planejamento: Ao tentar bloquear o oponente, se exerce o planejamento estratégico e se aprende a pensar com antecipação, considerando as possíveis consequências de cada movimento. Essas habilidades são úteis para o desenvolvimento lógico e para o planejamento em outras áreas do conhecimento.</p> <p>Estimular o Autocontrole e a Tomada de Decisões: O jogo envolve momentos de pressão e exige autocontrole para tomar decisões que influenciam o desenrolar da partida. Essa prática ajuda a criança a refletir antes de agir e a desenvolver habilidades de tomada de decisões com base em observação e análise crítica.</p>
Jogos: Na Ponta da Língua	<p><i>Na Ponta da Língua</i> é um jogo de palavras e rapidez mental em que os jogadores precisam responder rapidamente a perguntas ou identificar palavras relacionadas a um tema específico. O objetivo é pensar rápido para acertar o maior número possível de respostas antes dos adversários, o que exige agilidade de pensamento e um bom vocabulário.</p>	<p>Expandir o Vocabulário e Desenvolver a Expressão Oral: Ao participar do jogo, a criança é incentivada a explorar e utilizar novas palavras, ampliando seu vocabulário e melhorando a capacidade de expressão oral. Esse objetivo é especialmente importante para o aprendizado da linguagem e comunicação em grupo.</p> <p>Estimular o Raciocínio Rápido e a Memória: Como o jogo exige respostas rápidas, a criança pratica o raciocínio ágil e a lembrança de palavras ou conceitos. Esse exercício contribui para fortalecer a memória de curto prazo e a habilidade de responder prontamente a estímulos, competências úteis em diversas áreas do conhecimento cotidiano.</p>

Jogo da Linguagem	<p>O <i>Jogo da Linguagem</i> é um jogo educativo que envolve atividades com palavras, frases e estruturas gramaticais, onde os jogadores precisam formar palavras ou construir frases de acordo com as regras determinadas pelo jogo. O objetivo é que as crianças exerçam diferentes aspectos da língua portuguesa, como vocabulário, gramática e interpretação, de forma lúdica.</p>	<p>Reforçar o Conhecimento de Gramática e Estrutura Frasal: Ao montar frases ou escolher as palavras corretas, a criança pratica regras gramaticais, estrutura de frases e uso adequado de palavras, o que contribui para o aprimoramento da escrita e do entendimento das normas da língua portuguesa.</p> <p>Desenvolver Habilidades de Leitura e Interpretação: O jogo também promove a leitura atenta e a interpretação de palavras e frases, incentivando a criança a compreender o significado e contexto das palavras. Isso fortalece a capacidade de compreensão e interpretação textual, habilidades essenciais para a leitura e para o entendimento de textos em geral.</p>
Jogo: Tetra Cores	<p><i>Tetra Cores</i> é um jogo de cálculo e estratégia onde os jogadores precisam preencher áreas do tabuleiro usando quatro núcleos diferentes, sem que as áreas adjacentes tenham a mesma cor. O objetivo do jogo é utilizar quatro núcleos de forma lógica e estratégica para preencher o tabuleiro seguindo essa regra, exigindo atenção e planejamento.</p>	<p>Desenvolver o Raciocínio Lógico e Espacial: <i>Tetra Cores</i> exige que a criança pense sobre a posição das áreas e como distribuir os núcleos sem repetir, o que ajuda a fortalecer o raciocínio lógico e as habilidades espaciais. Essas habilidades são úteis para a matemática e para a resolução de problemas.</p> <p>Estimular a Atenção e a Concentração: Ao evitar que áreas adjacentes tenham a mesma cor, o jogo incentiva a criança a manter-se atentos aos detalhes, reforçando a capacidade de concentração. Esse exercício é importante para o desenvolvimento da paciência e da atenção aos detalhes, habilidades que se transferem para outras áreas do cotidiano.</p>

Quadro 1 – Atividades baseadas em jogos lúdicos

Fonte: elaborada pelas autoras.

Os jogos descritos no quadro acima, visam proporcionar momentos de ludicidade e conhecimento ao João, além de incentivar suas habilidades em desenvolvimento.

Para além dos jogos, pensamos em algumas propostas de atividade que favoreçam a interação com as artes plásticas, visto que temos o conhecimento de ser essa uma área de interesse e que desperta motivação no João. Essas propostas envolvem o uso de diferentes recursos como tintas naturais, pincéis de elementos da natureza, materiais recicláveis entre outras opções que podem contribuir para o despertar artístico do João.

Todas essas propostas, aqui descritas, visam proporcionar uma educação inclusiva que valoriza e estimula o potencial do João, uma criança com altas habilidades/superdotação, promovendo o desenvolvimento de suas capacidades de forma equilibrada, respeitando seu ritmo e incentivando seu crescimento pessoal e social em um ambiente acolhedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste artigo destacam a importância da educação inclusiva e do Atendimento Educacional Especializado, para as crianças com altas habilidades/superdotação. Ao longo do texto, procuramos trazer elementos que pudessem contribuir para o seu entendimento e enriquecimento a partir de um caso específico que subsidiou toda nossa pesquisa. Além disso, procuramos trazer para conhecimento algumas estratégias que podem valorizar e potencializar o aprendizado, promovendo um ambiente onde todas as crianças posam ser estimuladas de forma lúdica e prazerosa a aprendizagem.

Também, evidenciamos que a implementação dessas práticas não apenas beneficia a criança com altas habilidades/superdotação, mas enriquece a dinâmica da sala de aula inclusiva como um todo, promovendo equidade e qualidade nas ações pedagógicas.

Além disso, procuramos destacar a importância do ensino colaborativo entre a professora do Atendimento Educacional Especializado e a professora da sala de aula inclusiva na implementação de ações educativas que promovam a inclusão e o aprendizado as crianças. Tentamos mostrar de forma argumentativa que a parceria entre as profissionais, favorece a troca de experiências, o que contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais diversificado bem como, favorece o fortalecimento das práticas pedagógicas que atendam às necessidades educacionais especiais das crianças público alvo da educação especial e não apenas delas, mas de todas as que se beneficiam deste espaço educacional inclusivo.

Embora o estudo apresente algumas limitações, ele contribui para a compreensão de abordagens inclusivas na educação infantil, especialmente na modalidade creche, e para o entendimento sobre a inclusão de crianças com altas habilidades/superdotação. Em alguns espaços educacionais, essas crianças podem ser invisibilizadas em suas necessidades educacionais, o que pode resultar em um atendimento inadequado e na falta de estímulos necessários para seu pleno desenvolvimento. Essa invisibilidade não apenas prejudica o potencial das crianças com altas habilidades/superdotação, mas também limita as oportunidades de aprendizado e socialização, tornando essencial a implementação de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as singularidades de cada criança. Portanto, acreditamos que é fundamental que as instituições de ensino adotem estratégias inclusivas que garantam a visibilidade e o suporte adequado a todas as crianças, promovendo um ambiente acolhedor e inclusivo.

Por fim, entendemos que é fundamental que as professoras se abram para adaptar suas práticas docentes e metodológicas, buscando uma educação que respeite e valorize a diversidade. Nessa perspectiva, pensamos que a realização desta Pós-Graduação em nível de Especialização em Atendimento Educacional Especializado contribuiu de forma significativa para nossa constituição enquanto professores que buscam por uma prática inclusiva e transformadora. Essa formação nos proporcionou não apenas conhecimentos

teóricos, mas também ferramentas práticas que nos permitem implementar estratégias práticas para atender às necessidades de todas as crianças, promovendo um ambiente de aprendizagem mais equitativo e acolhedor. Com isso, reforçamos nosso compromisso em construir uma educação inclusiva, na qual cada criança possa se sentir valorizada e tenha a oportunidade de desenvolver plenamente o seu potencial.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por Amor e por Força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 240 p.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN; Maria da Graça Souza Horn. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: 2008.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece As Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 20 dez. 1996.
- BRASIL. Decreto nº 7600, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre A Educação Especial, O Atendimento Educacional Especializado e dá Outras Providências**. Brasília, 17 nov. 2011.
- BRASIL. Portaria nº 555, de 07 de janeiro de 2008. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 07 de janeiro de 2008.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (Estatuto da Pessoa Com Deficiência)**. Brasília, 06 jul. 2015.
- BRASIL. Resolução nº 04, de 05 de outubro de 2009. **Institui Diretrizes Operacionais Para O Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, Modalidade Educação Especial**. Brasília, 05 out. 2009.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 02, de 02 de novembro de 2001. **Institui Diretrizes Nacionais Para A Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, 02 nov. 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação ao Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <https://observatoriodoenomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf>. Acesso em: 06 set. 2024.
- BRAZ, Paula Paulino; RANGNI, Rosemeire de Araújo. Enriquecimento para um aluno com altas habilidades/superdotação na educação infantil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 262, p. 802-820, 26 nov. 2021. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/JdVfMxMvZpVt9q4ZxnLyFvN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2024.
- CHARGAS-FERREIRA, Jane Farias. As características socioemocionais do indivíduo talentoso e a importância do desenvolvimento de habilidades sociais. In: VIRGOLIM, Ângela Maria R.; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon. **Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade: uma visão multidisciplinar**. Campinas: Papirus, 2014. p. 283-308.
- SOUZA, Gisele de; MORO, Catarina; COUTINHO, Angela Scalabrim. (ORG). **Formação da Rede em Educação Infantil: avaliação de contexto**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015. 206 p.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades**: orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007. 188 p.

LUSTOSA, Wilne Neves Martins; DIAS, Enayde Fernandes Silva; LIMA, Isaque Lisias Souza. Plano De Ensino Individualizado: Aspectos Conceituais E Legais. In: VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1., 2022, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Ed. Realize, 2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_COMPLETO_EV174_MD1_ID10007_TB1050_24092022084941.pdf Acesso em: 15 ago. 2024.

MACHADO, Gabriela; MARTINS, Morgana de Fátima Agostini. Atendimento Educacional Especializado – AEE na Educação Infantil: entraves e possibilidades. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 1, p. 746-759, abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12204/8054>. Acesso em: 01 ago. 2024

MEZZOMO, Gislaine Gundel. O papel do professor de ensino regular e do professor especializado enquanto parceiros no processo de inclusão do aluno com Altas Habilidades/Superdotação na regular de ensino. In: BRANCHER, Valtoir Roberto; FREITAS, Soraia Napoleão de. (Org.) Altas **Habilidades/Superdotação**: Conversas e Ensaios Acadêmicos. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 171-189.

MOSQUEIRA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter; FREITAS, Soraia Napoleão. Altas Habilidades/Superdotação no transcurso da vida: da infância à adultez. In: VIRGOLIM, Angela Maria R.; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon. **Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade**: uma visão multidisciplinar. Campinas: Papirus, 2014. p. 265-282.

OUROFINO, Vanessa T. A. Tentes de. Altas habilidades e hiperatividade: a dupla excepcionalidade. In: FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades**: orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007. P. 51-66.

RECH, Andréia Jaqueline Devalle; NEGRINI, Tatiane; SANTOS, Joseane Oliveira dos. Enriquecimento curricular como prática pedagógica para alunos com altas habilidades/superdotação: uma possibilidade de inclusão escolar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 72, p. 125-139, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/57888> Acesso em: 01 out. 2024.

RENZULLI, Joseph Salvatore. A concepção de superdotação no modelo dos três anéis: um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. In: VIRGOLIM, Angela Maria R.; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon. **Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade**: uma visão multidisciplinar. Campinas: Papirus, 2014. p. 219-264.

RUFINO, Keila Aparecida Duarte; SANTOS, Vanessa Matos dos; SILVA, Diva Souza. Atendimento Educacional Especializado (AEE) na educação infantil e educocomunicação: relato de experiência. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/download/31/23/1116-1?inline=1>. Acesso em 01 ago. 2024.

SABATELLA, Maria Lúcia Prado. **Talento e Superdotação**: problema ou solução? Curitiba: Intersaber, 2008. 234 p.

TANNÖS-VALADÃO, Gabriela; MENDES, Enicéia Gonçalves. Inclusão escolar e o planejamento educacional individualizado: estudo comparativo sobre práticas de planejamento em diferentes países: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 01-18, dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mJJDHWr3xyVzttRdVjdhJSg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 out. 2024.

VIRGOLIM, Angela Maria Rodrigues; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon. **Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade**: uma visão multidisciplinar. Campinas: Papirus, 2014. 480 p.

WINNER, Ellen. **Crianças Superdotadas**: mitos e realidades. Porto Alegre: Artmed, 1998. 236 p.
Tradução de Sandra Costa.